

AS PSICOSES: DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM: DIAGNÓSTICO DA ESTRUTURA

Sonia Coelho¹

Este trabalho pretende desenhar o mapa de uma pesquisa iniciada no Grupo das Psicoses e que continuou no Fórum Virtual Temático sobre a Clínica das Psicoses. Partiu da observação de Lacan no Seminário 3 que me deteve: **para que estejamos na psicose tem que haver transtornos da linguagem (Cap7 18/01 /56)** e ainda:

“antes de fazer o diagnóstico de psicose devemos exigir a presença desses transtornos: o problema é concernente à função econômica que adquire a relação da linguagem na forma e na evolução da psicose”.

Refleti sobre minha prática clínica e fiquei confusa. De nenhum analisante ouvi nada parecido com os neologismos ou alusões que Lacan escutou de seus pacientes na apresentação de casos como: “venho do salsicheiro” ou “galopiner.” Entre os meus “escritores psicóticos” nada se parece com a escrita de Schreber. Onde localizar esses distúrbios na minha escuta?

Observei então que essas palavras escutadas por Lacan foram de pacientes hospitalizados e suponho que em tempo de delírio.

Agora me perguntei: e depois do surto ou fora do surto, como se apresentam os distúrbios de linguagem? Pensei em James Joyce e numa psicose sem clínica. Comecei a entender que o terreno é o da estrutura que não é definida pelo delírio, pois sabemos desde Freud com o texto de *Gradiva* que neurótico também pode delirar. Se tomarmos como exemplo clínico o delírio de Hanold – em *Gradiva* – e o de Schreber, como diferenciá-los via “distúrbios da linguagem?”.

Navegando por este mar de interrogações e fazendo da Internet um barco privilegiado de transporte, apelei para alguns colegas, agora do Fórum Temático das Psicoses. Entre algumas respostas, a que veio de Isidoro Vegh apareceu como

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: sc.recife@hotmail.com

enigmática e instigante: uma adivinhação: **“como distinguir em uma praça um “sem teto” de um psicótico em sua errância”?** Tal adivinhação enquanto me fez regredir a um tempo de infância cobrou-me adultos conhecimentos teóricos. Meu barco se viu num mar bravio, e vi que, só muitas letras poderiam garantir sua chegada ao porto de uma resposta adequada. Navegamos com mais “nós”, apressei o barco. Pesquisei, pesquisei.

Esta adivinhação mostrou uma **linguagem sem palavras**, uma cena que pode ser lida. Qual a linguagem a que Lacan fez referência? Como entender os distúrbios da linguagem onde não há **palavras**? Retornei para a prática clínica, bússola que me orientou.

Nessa direção vi a catatonia onde a linguagem está excluída. O que se pode ler sem palavras? Também lembrei Freud e sua leitura da “bolsinha de Dora” e do relógio em o Homem dos Lobos. Causei surpresa E alguém me perguntou: esse quadro clínico, a catatonia, ainda existe com tantos medicamentos novos? Percebi que posso ter feito alguém pensar com minha questão que atendo catatônicos...

Paciência, estamos no mar bravio das psicoses e sempre há o perigo de “remar na areia”. Nessas águas incertas voltei a Lacan, caminhei por outras letras, retomei as pesquisas. Li no Sem 1 (Classe8) “O descobrimento freudiano nos conduz a escutar no discurso essa palavra que se manifesta através, ou incluso apesar do sujeito. O sujeito não nos diz **esta palavra só com o verbo**, senão com todas suas restantes manifestações. Com seu **corpo** o sujeito emite uma palavra que, como tal, é palavra de verdade, uma palavra que ele nem sequer sabe que emite como Significante porque sempre diz mais do que quer dizer, sempre diz mais do que sabe que diz”. Esse achado me indicou que seguia no rumo. Continuei.

De Isidoro Vegh veio uma palavra sobre a catatonia e a tradução da sua adivinhação: “na catatonia o psicótico mostra em extremo sua identificação ao objeto. Isso não significa que está fora da linguagem. Ao contrário, é a eficácia extrema da linguagem quando não permite que o sujeito alcance a palavra”. Continuei desconfiando que meu barco ia no rumo projetado.

A **adivinhação**: “um sem teto mantém a **sintaxe** de sua roupa ainda que esteja suja ou desgastada”. Um psicótico introduz formas bizarras porque decompõe a sintaxe própria da cultura para a roupa de cada tempo. Por exemplo, pode usar cuecas por cima da calça, se mostrará despenteado e desgrenhado, desprendendo um odor desagradável.

Poderá ter um pé calçado e o outro envolto em panos, etc. Pois a conservação **da sintaxe** implica numa restrição de gozos que o psicótico não pode lograr. Quando respeitamos a sintaxe de nossa vestimenta nos oferecemos ao mundo, à mirada dos outros, como um quadro aceitável no contexto da cultura. Um distúrbio de linguagem que determina uma psicose afeta a eficácia imaginária (fenômenos de desrealização, despersonalização, perda do sentido, inadequação ao mundo, e desintegração da unificação egóica); **e a distribuição dos gozos**”.

É algo realmente em que eu não havia pensado, essa linguagem da distribuição dos gozos. Passei a valorizar essa sintaxe. Lembrei aquele analisante que comparece às sessões de análise com vestimentas bizarras apesar dos protestos da família. Aparece inadequado ao contexto. Será este um indicativo da estrutura psicótica?

Nestas águas revoltas encontro outro iceberg: há diferença entre **fala e palavra**?

Entendo que no quotidiano estas expressões são usadas de forma indiferenciada, mas para a psicanálise há diferença. Encontrei nos debates do Fórum quem discordasse: palavra é sinônimo de fala. Mantive minha posição, evitei que meu barco naufragasse. Voltei a Lacan. Consultei os Escritos em: A Psicanálise e seu Ensino, Posição do Inconsciente e Subversão do Sujeito, de onde pontuei: “dizer que o sintoma é simbólico não é dizer tudo... Cabe sempre a pergunta: são estes efeitos da linguagem, ou efeitos da “fala”?”

“O abre-te **sésamo** do inconsciente é ter efeito de fala”.

“A função da fala na análise, por seu aspecto mais ingrato, é a fala vazia, em que o sujeito parece falar em vão de alguém, que mesmo lhe sendo semelhante se enganar, nunca se aliará à assunção de seu desejo”.

“A fala confere um sentido às funções do indivíduo. Seu campo é o discurso concreto, suas operações são a da história no que ela constitui a emergência da verdade no real. A fala responde à pergunta: quem está falando, quando se trata do discurso do inconsciente. O discurso na sessão analítica só tem valor por tropeçar ou se interromper como se a própria sessão não se instituísse como ruptura de um discurso falho naquilo como esvaziar como fala”. No Sem 3: a fala se situa num nível bem diverso da exercitação dos órgãos que podem materializá-la” (lição de 25/04/56).

1. A Fala na Clínica das Psicoses

O enfermo fala? Perguntou Lacan no Sem 3 quando disse "se não distinguimos a linguagem e a palavra, certamente, fala, mas fala como uma boneca mecânica que abre e fecha os olhos, absorve líquido, etc."

Em um caso clínico que elegeu, mostrava o jogar a céu aberto o inconsciente, em sua dificuldade para passar no discurso analítico. Jogar a céu aberto, disse Lacan, "porque, devido a circunstâncias excepcionais, tudo o que em outro sujeito houvesse estado recalcado, estava sustentado nele por outra linguagem, essa linguagem de alcance reduzido que se chama um dialeto".

Laura D'Agostino participou do debate e nos brindou com a clínica: recordou um paciente que na apresentação de pacientes no Hospital (pré Brizna) a cada pergunta do entrevistador respondia com um versículo da Bíblia, que por seu sentido parecia ser adequado para a resposta, mas ao longo da entrevista se viu que eram **palavras impostas**, respostas, aparentemente ditas para responder ao entrevistador, mas que lhe vinham do Outro. Tomar a palavra, disse Laura, é pôr em jogo a subjetividade do sujeito, no que esse discurso o represente. Falar desliza também, a falar sem dizer, nada de si sem dizer-se. É a "palavra vazia" na análise de um paciente.

2. Palavra

Aprendemos com Lacan desde o Sem1, que "no processo de análise, a transferência em seu viés de resistência propicia que a palavra oscile entre dois extremos "plena" e "vazia". A palavra plena realiza a verdade do sujeito, mas a resistência tende a separar o sujeito da palavra plena que a análise espera dele, e a palavra pode se extraviar nas maquinações do sistema da linguagem".

Nas psicoses, a palavra plena falta. Lacan disse: "o sujeito escuta, fala, mas ainda assim a frase se detém...".

É comum na análise o psicótico tomar a palavra ao pé da letra. Há impossibilidade de desdobramento do significante, de fazer metáfora. Falta o ponto de estofa, de basta, e o significante geralmente desliza solto.

Uma nota: se em alguns textos de Lacan, parece confusa a diferença entre fala e palavra, em outros a dúvida desaparece, como esta do Sem 3 pág. 275: "no

automatismo de repetição a fala insiste, torna a voltar, até que o sujeito tenha dito, sua última palavra”.

3. Linguagem

Quando um sujeito neurótico fala, uma parte do que diz tem parte de revelação para outro. A comunicação da linguagem depende de dois fenômenos: código e mensagem.

O código está no Grande Outro, tesouro dos significantes. O Outro é a sede do código. A partir do momento em que se fala com alguém, existe um outro sujeito do código. A mensagem resulta da conjunção do discurso com o significante suporte criador de sentido.

A linguagem presentifica e antecipa a função paterna, porque coloca um limite, uma distância entre o corpo da mãe e o sujeito. Isso não ocorre nas psicoses.

Nas psicoses ocorre uma ruptura e o que vem da mensagem não pode ser acolhido no código porque o código, lugar do Outro, tesouro dos significantes, sofre uma falta, não ocorreu o recalque originário, o Nome-do-Pai não se inscreveu, é faltante.

No texto das alucinações de Schreber, disse Lacan, se estabelece de imediato uma distinção para o linguista entre fenômenos de código e fenômenos de mensagem. Aos fenômenos de código pertencem neste enfoque as vozes que fazem uso da “língua fundamental”, de Schreber, descrita "um alemão um tanto arcaico, mas sempre rigoroso, que assinala muito especialmente por sua grande riqueza em eufemismos. Essa parte dos fenômenos está especificada em localizações neológicas por sua forma (palavras compostas novas, mas composição aqui conforme as regras da língua do paciente) e por seu emprego. As alucinações informam ao sujeito sobre as formas e os empregos que constituem o neocódigo. Trata-se de algo bastante vizinho a essas mensagens que os linguistas chamam autônomas por quanto é o significante mesmo (e não o que significa) o que constitui o objeto da comunicação”. (Em “Questão Preliminar”).

Da clínica lembrei aquele jovem: “não vou continuar indo à faculdade porque aquela minha colega quer se casar comigo e ter 4 filhos...Como você sabe disso? Ora doutora, tenho um código de onda especial, a senhora não sabia? (será que isto pode ser

também escutado como o aprisionamento do discurso num código privado, delirante, mesmo que se trate de um paranoico?).

No presidente Schreber, as mensagens que recebe na língua fundamental, são ao mesmo tempo feitas de palavras neológicas ou não, e consistem em ensinar ao sujeito o que são em um novo código, afirmou Lacan.

4. Enunciado x Enunciação

“A produção de uma mensagem depende também do código, que no enunciado marca a enunciação: quem fala, como lhe fala, quando lhe fala. O sujeito do Inconsciente é homólogo ao sujeito da enunciação e ao sujeito do desejo”.

O psicótico é falado pelo Outro, mas não logra inscrever no discurso do Outro o traço que o representa como sujeito. Por isso se diz que na psicose não há sujeito da enunciação. A palavra do Outro aparece na forma extrema da alucinação verbal como palavra absoluta do Outro. “O delírio é um intento de restituir a função sujeito” (Isidoro Vegh – no Fórum).

4. Conclusão Provisória

No que posso provisoriamente concluir, esses distúrbios da linguagem, que vimos funcionando nas psicoses, e que resultam da falha na operação da metáfora paterna, e impedem que a linguagem que presentifica e antecipa a função paterna colocando um limite, uma distância, entre um corpo da mãe e o sujeito, opere. Na prática clínica, significa também o estar “fora do eixo” na relação do sujeito com o grande Outro (esquema Z), ou fora do simbólico, e produz os fenômenos que afetam a eficácia imaginária como a desrealização, despersonalização, perda de sentido, inadequação ao mundo, buraco no simbólico.

Para mim, a lição maior que “os distúrbios da linguagem para diagnóstico das psicoses” propiciou, foi a da importância desta outra leitura, a da distribuição dos gozos, o que na prática clínica parece significar que o conceito de linguagem, nas psicoses, **situa-se para além da palavra falada de nossos analisantes. Entretanto, essa questão da leitura da linguagem sem palavras, não deve ser confundida com análise de comportamento. Não se trata de inferir conclusões, mas de ouvir do**

analisante, suas teorias sobre sua discordância com a sintaxe da cultura e de sua posição no uso da distribuição de gozos.

Terra à vista. Ancoras ao mar. Nossa viagem que segue na direção da formação do analista é interminável. Este porto é provisório.